

OPINIÃO*

*Fernando Verassani Laureano***

Nos dois últimos meses de 2015 observamos dois desastres, claro, em total descompasso, que expõem profundas diferenças na forma como a humanidade e suas instituições tratam a si e à sua própria casa. O primeiro refere-se ao rompimento em 05 de novembro da barragem de rejeitos denominada Fundão, de propriedade da Samarco em Mariana/MG. Evento que ganhou repercussão mundial após a propagação da lama até o Oceano Atlântico. Promoveu imensurável mortandade na fauna aquática da bacia do rio Doce e atingiu o fornecimento de água a milhares de habitantes. Vem sendo considerado o pior acidente ambiental da história brasileira. O segundo, ocorrido na noite da sexta-feira 13 do mesmo mês, traduz-se em uma chacina de motivação pseudo religiosa que vitimou mais de uma centena de pessoas em estabelecimentos públicos na cidade de Paris. Este evento deixou o mundo atônito e provocou como resposta nada menor que uma declaração de guerra por parte da nação diretamente atingida.

Mas por que comparar tais eventos? O que os faz ou os torna comuns senão o espaço temporal em que ocorreram, a comoção que geraram e a expressão que ganharam na mídia internacional? Lama e sangue comungam poucas propriedades para além de seu estado físico. Mas não se iluda caso ainda pense que pretendo ressaltar semelhanças entre as lástimas. A princípio são justamente as diferenças que interessam, principalmente em relação às providências que sucederam os fatos. Contudo, acabam por se revelar semelhanças sinistras que sinuosamente afloram e submergem no mar turvo e denso dos acontecimentos.

Independente das causas que o sustentam ou dos motivos que o possam justificar o terrorismo é covarde. Suas ações propositalis, imprevistas e silenciosas são pautadas no fato de que os atingidos não esperam que elas ocorram e tampouco estão preparados para tal. Há ainda que se lembrar neste caso, da adesão recente por parte de muitos europeus à causa do Estado Islâmico, o que dificulta sobremaneira a vigilância e ações coordenadas de inteligência. Mas nada disso impediu que o estado francês assumisse uma posição de liderança e urgisse em dar uma resposta para a sociedade que, a despeito de um natural atordoamento, nem cogitou propor outro ator com tamanha responsabilidade. Em menos de cinco dias uma operação militar foi deflagrada para deter suspeitos, levando a morte um homem e uma mulher.

Voltando ao caso brasileiro é prioritário que se reconheça: - não se trata de ato proposital de natureza terrorista ou executada por agente que faça uso de práticas correlatas. Muito pelo contrário, trata-se de uma renomada empresa, diversas vezes premiada por mérito e desempenho em sustentabilidade e responsabilidade social. Esta conceituada empresa opera uma concessão pública de direito de lavra licenciada e fiscalizada pelos governos federal e dos estados de Minas Gerias e Espírito Santo. Mas então por que não havia um sistema de comunicação que alertasse as comunidades a jusante? Por que as comunidades não estavam devidamente treinadas para uma situação de emergência? A princípio, a condição em que se encontravam as vítimas em Bento Rodrigues ou no *Bataclan* eram as mesmas. Ninguém em sã

consciência duvida da responsabilidade que recai sobre a Samarco frente ao ocorrido, mas pergunto: qual instituição chamou publicamente para si a liderança da condução deste caso? O governo federal que detém o subsolo e os recursos minerais? Os estados que fazem o licenciamento ambiental? O Ministério Público que legitimamente vem se empenhando para reconhecer os direitos dos atingidos? Não, não se pode apontar nenhuma liderança. Mas por que ela é importante? Há algo para além do caso da Samarco? A resposta é sim. Existem centenas de barragens de rejeito no estado de Minas Gerais e milhares, talvez milhões, de potencialmente atingidos em caso de outras rupturas que a história recente insistentemente nos sinaliza com uma probabilidade alarmante. É imprescindível que haja liderança por parte do Estado brasileiro para que possamos agrupar o aprendizado com caso de Mariana. Avançar, rever, melhorar,..., nossos processos e métodos de controle. Do contrário, seguiremos não como vítimas veladas do terrorismo, mas como sobreviventes aterrorizados com o futuro barrento que nós mesmos estaremos construindo.

*** Geólogo, Doutor em Geoquímica de Processos Exógenos, Instituto Geociências/USP. Prof. Gestão Ambiental do Departamento Ciências Biológicas, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.*

** Opinião escrita a convite da comissão editorial.*